

EDUCAR PARA A ECOLOGIA HUMANA¹

EDUCATING FOR HUMAN ECOLOGY

Janete Rosane Roiek²

Irani Rupolo³

RESUMO

A análise da ação pedagógica do professor na formação do aluno, vista sob o enfoque da ecologia humana, é apresentada neste estudo realizado a partir de leituras de diversos autores que tratam do assunto. Fez-se uma pesquisa, com sondagem e diagnóstico do ambiente escolar, procurando refletir sobre o ser humano e seu processo histórico/cultural e educacional e oferecer suporte teórico à prática educativa. Constatou-se que a educação, para a ecologia humana, é um tema pouco abordado no contexto escolar e que o próprio significado da ecologia se restringe à idéia de preservação da natureza. O professor, como mediador do conhecimento, deve contribuir para a formação da consciência crítica de seus educandos e tem um papel fundamental na educação para a ecologia humana.

Palavras-chave: formação de professores, educação ambiental, valores educativos.

ABSTRACT

The analysis of the teacher's pedagogical action when educating the student, focusing on human ecology, is presented in this study through the reading of several authors who discuss this subject. The research was carried out by means of an investigation and diagnosis of the school environment, seeking to reflect on the human being and his historical cultural and educational process, as well as providing a theoretical framework for the educational practice. It was found that, for human ecology, education has had scarce discussions in the school context and that the very meaning of ecology limits itself to the idea of nature preservation. The teacher, as a knowledge mediator, should contribute to the building up of a critical consciousness of the learners and has a fundamental role in the education for human ecology.

¹ Trabalho Final de Graduação.

² Curso de Pedagogia Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

Key words: review of pedagogical practices, environmental education, educational values.

INTRODUÇÃO

Pensar a natureza como algo externo, sem considerar-se parte dela, é desconhecer a interdependência vital dos seres. É preciso dar-se conta que todos os seres, formam uma só família universal. A mentalidade de explorar, usar e consumir, mesmo que isso tenha como conseqüência a destruição da ecologia humana e ambiental deve ser superada. Neste cenário, encontram-se o professor, o aluno e todo o sistema escolar. Professor e aluno precisam estar em constante aperfeiçoamento, procurando ser aprendizes e agentes de transformação na sociedade que sofre, em seu processo histórico, constantes mudanças.

Tendo em vista a necessidade de desenvolvimento pessoal e profissional, propôs-se uma análise da formação de professores para verificar como a ecologia humana está sendo trabalhada no âmbito escolar, no intuito de contribuir para a reflexão e a busca de soluções pedagógicas.

Chama-se a atenção para o respeito, a honestidade, a ética e a importância da qualidade dos relacionamentos no contexto educacional. Busca promover-se a evolução nas relações, tendo em vista aperfeiçoar a ecologia humana e contribuir para a melhoria da compreensão teórica da ação educativa, fundamentada num pensar filosófico-ecológico.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

SER HUMANO

O ser humano, desde a sua origem, tem preocupação com a sobrevivência. Necessita de alimento e busca abrigo e proteção contra os inimigos, a chuva e o frio. Desenvolve instrumentos para caça e pesca, artesanatos e utensílios para o preparo e o consumo dos alimentos. E assim, cria formas e expressões afim de se cuidar e de se aperfeiçoar.

A socialização, provavelmente, é iniciada quando os humanos deixam de ser nômades e passam a conviver em grupos e comunidades. As relações se ampliam e surge a partilha de habilidades, alimentos e vestuários.

Diferentemente dos demais seres vivos e mesmo das espécies mais próximas, o ser humano busca algo além da sobrevivência. Por sua capacidade de pensar, de lembrar do passado, de visualizar o futuro, distingue-se das demais espécies e inquieta-se com indagações sobre si mesmo.

Desde os primórdios da civilização ocidental, os filósofos pensavam e questionavam sobre a compreensão do ser humano. Sócrates (469–399 a.C.), filósofo grego, na procura do autoconhecimento, afirma: “conhece-te a ti mesmo.” Seu discípulo, Platão (427–347 a.C.), continua com as indagações e revela que o conhecimento é formado no mundo racional das idéias, no qual o ser é absoluto e imutável. Por sua vez, Aristóteles (384–322 a.C.), também filósofo grego da antigüidade, caracteriza o ser humano como racional, cuja essência é pensar. Afirma ainda que, para ser feliz, o ser humano deve viver de acordo com a sua razão. A razão deve orientar a sua conduta ética. E ainda mais, o ser humano, por natureza social, para sobreviver, deve viver em inter-relação com os seus semelhantes. No encontro com o outro, desenvolve a comunicação. Uma das conseqüências de o ser humano ser animal social é que ele vive em estado de constante desafio entre os valores pessoais e sociais.

O ser humano é um ser dinâmico e contraditório. Mesmo adaptado à vida em grupo, visa sempre à sobrevivência, ainda que tenha de fazer o mal a outro ser para ter essa garantia. Na interação social, às vezes age com violência, desonestidade, ódio e, ao mesmo tempo, deseja a solidariedade, o amor, a luta pela paz e o respeito.

LAGO (1991) constata que a agressividade humana tornou-se tema relevante e dá ênfase aos direitos humanos, pelo fato de que há grande ameaça na segurança da espécie, ligada ao comportamento em sua interação social. E destaca que a violência cria uma sociedade de caricatura imunda, em que a sedução de um grupo alcança, por meio do conhecimento e da negociação, a sustentação ideológica opressora.

Percebe-se, que ao longo da história, os educadores, preocuparam-se com a conduta humana. Desenvolveram assim, várias abordagens do processo ensino-aprendizagem, com visão tradicional, comportamentalista, cognitivista, humanista ou sociopolítica, sendo que umas favorecem à sustentação de ideologias do sistema opressor, enquanto outras procuram resgatar a dignidade humana ameaçada e visam à libertação pessoal e social.

Pedagogos tradicionais, apoiados em Herbart, Chartier e outros, afirmam que o ser humano deve ser adaptado ao mundo que irá conhecer por meio de informações as quais se decidiu serem as mais importantes e úteis para ele e que lhe serão fornecidas pelo ensino.

Para os educadores que defendem a teoria comportamentalista, fundamentados em Skinner, Ausubel e outros, o ser humano é produto do meio. O meio pode ser manipulado, e, a escola funciona como modeladora do comportamento humano. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho.

Segundo MIZUKAMI (1986), os pedagogos Brunner e Piaget, com enfoque cognitivista, sustentam que o ser humano não nasce para um fim determinado e se apresenta como um projeto permanente e inacabado, ele está num processo constante e atualiza-se no mundo.

Os educadores humanistas, baseados em Dewey, Montessori, Decroly, Rogers, Neill e outros, destacam que o ser humano é um organismo vivo que se rege pelos organismos sociais e pelas leis da natureza, pois estas determinam sua maneira de ser e de se desenvolver, tanto individualmente como socialmente.

Na abordagem sociopolítica, fundamentada no pensar pedagógico de Freinet, Makarenko, Vigotsky, Freire, Saviani, Lukesi, Hoffmann, Libâneo e outros, o ser humano se constrói pela práxis com o meio e com o qual ele age. A educação é vista como processo que permite ao ser humano ser sujeito, construir-se como pessoa e estabelecer com os outros relações de reciprocidade. A dialogicidade é a essência deste pensar pedagógico em que o ser humano produz e recebe cultura na interação com o outro e com o meio.

No conjunto dos ecossistemas da terra, o ser humano construiu e modificou o seu meio, isto é, dentro da biosfera, foi construindo a antroposfera. Essa antroposfera, criada pelas diferentes culturas, é a morada do ser humano no mundo em que ele integra a natureza e a cultura social, é ao mesmo tempo, um transformador da natureza e um produtor cultural. Assim, educa-se num constante processo, pois deseja aprimorar o seu conhecimento, a maneira de pensar, de relacionar-se, de vivenciar valores e de transcender.

É na transcendência realizada pelo amor que o ser humano torna-se livre, pois aprimora a sua espiritualidade. Nessa compreensão, a pessoa busca respostas para situações obscuras: nascimento, morte, doença, catástrofes e amor. Nesta esfera do conhecimento humano se fundamenta o fenômeno religioso, que lhe possibilita construir-se na liberdade.

O ser humano, para desenvolver as habilidades humanas, precisa além de satisfazer as necessidades básicas, atender as suas aspirações de relacionamento social, de expansão da criatividade, de busca da justiça e de crescimento interior.

Nessa visão, faz sentido salvar espécies em extinção desde que, concomitantemente, haja o combate à violência, às guerras e à fome. Faz sentido combater a poluição se, ao mesmo tempo, houver luta pela divulgação dos valores humanos nos meios de comunicação. Afinal, tudo está interligado. Conforme CAPRA (1982), não basta apontarem-se as soluções para determinados problemas, deve se perceber a conexão e a interligação

de tudo e encaminhar respostas de forma interconectada. É preciso desenvolver a consciência solidária quando se deseja sobreviver, enquanto espécie genuinamente humana.

OIKOS + LOGOS = HABITAT HUMANO

Praticamente desconhecida e relegada por estudiosos, políticos, sociólogos e pedagogos, durante longo tempo, a ecologia torna-se, uma das grandes preocupações da humanidade no final do século XX e início deste século. O crescente interesse pela ecologia dá-se devido às questões sociais do atual momento histórico. Evidencia-se que a maioria dos problemas tais como crescimento populacional, poluição ambiental, desigualdade social, violência, fome, analfabetismo dentre outros têm a ver com a ecologia. A preocupação com a qualidade de vida e a sobrevivência passou a ser um problema que afeta o futuro de toda humanidade. A ecologia tornou-se um tema de discussão e interesse de diversas ciências que, ao perceberem situações de risco, têm coragem de pensar e de tomar posição sobre o trabalho, o consumo, o lazer, a saúde, a educação e seu relacionamento com a dignidade humana.

O termo ecologia, segundo LAGO & PÁDUA (1985), tem a sua origem, no ano de 1866, com o biólogo alemão Ernest Haeckel. O cientista, ao descrever em sua obra: *Morfologia Geral dos Organismos*, as relações entre as espécies animais e o seu ambiente orgânico e inorgânico, denomina a ciência ligada à biologia com a palavra grega *oikos* (casa) e designa o termo ecologia (ciência da casa) para expressar essa inter-relação. Relaciona o termo ecologia à palavra economia, originária de radical grego, cujo significado já era usual, para designar a ordenação da casa. A ecologia, portanto, trata do estudo das interações entre os organismos que vivem em um ambiente em constante mudança.

Krebs, citado por LAROCCA (1995), comenta que a definição de Haeckel é tão ampla que resta pouca coisa que não seja ecologia.

A ecologia, inicialmente, não teve um significado bem delineado, embora encontrasse seus primeiros antecedentes na história dos gregos, num dos discípulos de Aristóteles, Teofrasto, botânico da Grécia Antiga, chamado de “o primeiro ecologista”, porque foi o primeiro a escrever sobre as plantas analisando os lugares em que elas cresciam. No final do século XIX, volta o interesse especial pelo tema, depois que o sociólogo e economista Thomas Malthus, em 1798, chamou a atenção para o conflito existente entre as populações em expansão e a capacidade da terra de fornecer alimento.

No século XIX, percebe-se a existência de graves desequilíbrios ambientais tais como a poluição que afetava a saúde nas fábricas e nos bairros onde viviam os operários. Contudo, só no século XX foram considerados os problemas ecológicos pela economia industrial, que se depara com a devastação em larga escala e, após, pela falta de matéria-prima utilizada na fabricação de produtos de consumo. Muitas indústrias assumiram atitudes que, na prática, põem a economia acima da natureza. A economia, no entanto, é apenas uma parte da ecologia, uma vez que se refere somente a uma ação do ser humano, enquanto a ecologia examina a ação de todas as espécies, seus relacionamentos e interdependências.

Intensificaram-se, nas últimas décadas, os estudos ecológicos relacionados a temas diretamente afins: natalidade, crescimento populacional, fome, mortalidade, o estudo da genética e das raças e espécies distintas, as reações comportamentais dos seres humanos entre si e com o ambiente. Sendo, em seu significado etimológico, ecologia estudo ou cuidado da casa, o que se percebe, é que o ser humano está destruindo a sua própria casa e destruindo a própria dignidade. É lógico que se pode tirar da natureza o essencial para a sobrevivência, portanto, é necessário administrar de modo que haja equilíbrio entre as necessidades humanas e o que a natureza pode oferecer.

BOFF (1999) compreende como ecologia humana a que se ocupa com as ações e reações do ser humano universal, relacionado com o meio ambiente. Aborda a ecologia em três categorias: a mental que concebe o ser humano benevolente ou agressivo; a ecologia social, como ciência doméstica ou ciência do habitat humano; a ecologia humana voltada a uma visão idealista, pois o ser humano histórico não atinge, pelas contingências da realidade circunstancial, a capacidade de relações livres e respeitadas. O mais urgente é ultrapassar a visão fragmentada da realidade e lidar com a construção dos valores da não-violência e da justiça, pois a ecologia humana possui características também imateriais e é eminentemente social.

O ser humano vive a ecologia humana quando mantém o equilíbrio dinâmico nas relações com os outros, com as coisas e com o universo e se mostra capaz de impor limites as suas próprias vontades. Assume e organiza a sua casa, isto é, o seu *habitat* humano, quando administra de forma consciente e responsável os seus atos na relação com os outros e com o mundo que o cerca. Essa relação deve superar a forma exploratória do poder de um sobre os outros, seja no âmbito pessoal, social, educacional, econômico ou político. Segundo MINC (2000), estudos e pesquisas direcionaram, para a busca de alternativas de soluções dos problemas sociais, por vezes de forma inadequada, determinando ações coercitivas como no caso de controle de natalidade pela esterilização em massa de pessoas

de classe pobre, considerando-se esse o caminho para solucionar problemas de saúde, da fome ou para a melhoria da qualidade de vida. A ecologia humana não pode ser atingida sem o respeito à dignidade humana e à permissão da sobrevivência das culturas em suas múltiplas expressões.

CAPRA (1996) define e diferencia ecologia rasa de ecologia profunda. Afirma que a ecologia rasa é centrada na compreensão do ser humano, situado acima ou fora da natureza, e esta é apenas um valor instrumental, de uso. À ecologia profunda, é atribuída uma visão holística, que concebe o mundo como um todo interligado e não como uma coleção de partes dissociadas. E, ainda afirma que a ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos, concebendo o ser humano apenas como um fio particular na teia da vida. Destaca também que a percepção da ecologia profunda é espiritual ou religiosa, entendida como modo de consciência na qual o ser humano tem a sensação de pertinência, de complexidade com o cosmos e com o todo. A ecologia profunda de CAPRA (1996) aproxima-se da concepção de BOFF(1999).

Para chegar a uma verdadeira atitude ecológica, o ser humano precisa descobrir-se parte integrante da natureza e aprender a conviver de forma saudável consigo mesmo, com os outros e com todo o universo para ter garantia de melhor qualidade de vida e de sua sobrevivência.

ECOLOGIA NO ÂMBITO ESCOLAR

O tema da ecologia está diretamente ligado à educação. Desde 1998, quando foram estabelecidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pelo Ministério da Educação, que apresentam como um dos temas transversais o meio ambiente, essa foi uma das medidas oficiais mais destacadas para a implantar a Educação Ambiental nas escolas. A Lei N.º 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a política Nacional da Educação Ambiental, define a Educação Ambiental em seu Art.1º e no Art. 4º destaca os seus princípios básicos.

A escola, mediante todos os seus componentes, é parte integrante da sociedade e co-responsável pela sua transformação. A educação ambiental, no âmbito escolar, deve interagir e provocar a sensibilização, como também proporcionar a tomada de consciência e ações concretas.

Não há como pensar educação ambiental, sem pensar em ecologia humana, refletida em valores, tais como: solidariedade, respeito, responsabilidade individual e coletiva, participação, comprometimento entre outros. Ao estimular esses valores, cabe à escola, proporcionar condições para desenvolver no aluno o espírito crítico, a capacidade de fundamentar suas esco-

lhas, entender e superar suas limitações e descobrir suas possibilidades, como também destacar a importância da interação social. A ecologia humana precisa ser trabalhada no processo da educação, pois perpassa as formas de cuidado à vida em suas diversas expressões e interações. Como a educação ambiental, a ecologia humana deve ser desenvolvida com um enfoque holístico e ético, respeitando a pluralidade e a diversidade cultural.

VISÃO EDUCATIVA

O ser humano, em seu desenvolvimento, passa por várias fases. Cada fase bem vivenciada é fundamental para o processo de desenvolvimento da etapa subsequente. Nas primeiras fases, aprende-se a viver ecologicamente, no relacionamento com os outros, ao encarar desafios e ao desenvolver o autocuidado pessoal e social. Posteriormente, descobrem-se e aprimoram-se as competências. Para BOFF (2000), se o ser humano não fizer com cuidado tudo que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e ao que estiver à sua volta. O modo-de-ser cuidado revela a influência que a educação familiar tem na formação pessoal e social. O cuidado nasce da responsabilidade, do afeto que requer o maternal/paternal na ajuda ao crescimento. É sentido, vivido e compartilhado na interação e necessita do conhecimento pessoal e interpessoal.

É na relação dialógica que o ser humano torna-se e mantém-se um ser social. Sem diálogo, o ser humano não poderia trabalhar em conjunto, aprender em cooperação, avançar o seu domínio no mundo físico, pois as invenções e descobertas só se tornam possíveis se há comunicação e esta permite compreender a própria cultura para, posteriormente, compreender outras culturas. RUPOLO (1998) afirma que o diálogo é a condição básica para o aprendizado em grupo e este consiste no respeito a si mesmo e ao outro; respeito ao diferente e saber que se pode aprender com as diferenças do outro.

A aprendizagem ocorre nas relações dialógicas, em que a expressão é instrumento significativo para o educador, pois a interação proporciona a construção da autonomia, que só é possível no diálogo. Ao se estabelecer o diálogo dentro da escola, pode perceber-se que as redes de significação dos alunos são caminhos que se articulam rumo à autonomia de seus integrantes. O ser humano, quando conquista a autonomia, tem condições de modificar e aperfeiçoar a sua vida. A aprendizagem torna-se significativa nas trocas que são estabelecidas em grupo. Ao professor, cabe fazer a ligação dos conceitos cotidianos com os da ciência e os da ciência com a realidade cotidiana. As situações de ensino-aprendizagem para serem mais expressi-

vas e marcantes, precisam levar em conta a experiência dos alunos, caso contrário, empobrecem a prática educativa, não contribuindo para a manifestação autônoma e original do pensamento do aluno.

FREIRE (1974) afirma que somente o diálogo, que implica um pensar crítico é capaz de gerar a comunicação e sem esta, não há verdadeira educação. Cabe ao professor resgatar as práticas sociais dos alunos, para socializar o saber básico produzido e gerado na família, no grupo e outros. Os professores são dinamizadores da prática educativa, pois são agentes construtores de saberes pedagógicos multiformes que constituem os fundamentos da prática e da competência profissional.

É importante o professor ter consciência de que é sujeito da história. A formação do professor, para ser coerente com a visão da ecologia humana, deve ser estimuladora do aprender fazendo; do fazer interativo; do fazer e pensar coletivamente com o outro seja ele colega, aluno ou professor.

A capacidade de modificar-se e aprimorar-se faz do ser humano um ser educável, pois a educação é um processo somente da espécie humana e passa a ser necessidade fundamental na interação social. É objetivo da educação confrontar o ser humano à consciência da autonomia e libertação pessoal e social em vista de sua dignidade. Viver como ser humano é agir sobre si mesmo e sobre o meio com inteligência e liberdade. Saber organizar a própria vida e as condições em que ela se desenvolve e conduzi-la à responsabilidade pessoal e social, é em que consiste a educação para a ecologia humana.

O ser humano é autônomo, quando sabe organizar e administrar de forma saudável e consciente o seu *habitat* humano na interação com o outro e com o meio. No processo educativo, compete ao professor, desafiar o aluno para a conscientização quanto ao seu dever pessoal e social diante das indiferenças em relação às desigualdades sociais, provocando a reflexão, o debate e o posicionamento. Enfim, mostrar a importância da vida em grupo, contrariando o individualismo.

METODOLOGIA

No intuito de subsidiar a reflexão sobre educação e ecologia e para melhor compreender a realidade educacional, foi realizada uma pesquisa de campo descritiva com trinta educadores que atuam na Educação Básica, de escolas da rede de Ensino Municipal, Estadual e Particular.

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário com cinco questões abertas, que foram respondidas e tabuladas. Posteriormente, fez-se análise dos resultados e interpretação qualitativa dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 mostra os resultados obtidos na entrevista com trinta professores que apresentam um período de experiência profissional de até um ano (7 professores); de um a cinco anos (8 professores); de seis a dez anos (3 professores); no entanto, dois não expressaram o seu tempo de experiência.

Tabela 1. Respostas mais freqüentes obtidas na pesquisa sobre a educação para a ecologia humana, realizada com professores de diversos lugares do Brasil, em 2002.

Questão/opinião	%
O que é ser humano?	
É ser responsável, capaz de cuidar e preservar a vida no cosmo	5
É ser capaz de fazer escolhas	10
É ser afetivo, capaz de amar, sofrer, perdoar e se emocionar	15
É ser em relação que interage com os outros e com o meio	15
É estar em contínua aprendizagem e desenvolvimento	15
É ser pensante, reflexivo e racional	30
Não responderam de forma adequada, desviando da questão proposta	10
O que você entende quando se fala em “ecologia humana”?	
Cuidado com o próprio corpo e com o ambiente em que vive	5
Preservação da vida humana com qualidade	5
É o ser humano dentro do ecossistema	15
É a preservação da natureza	60
Não responderam de forma adequada, desviando da questão proposta	15
Qual é o papel do educador na formação de um pensar ecológico?	
Desenvolver trabalhos sobre o meio ambiente com os educandos	5
Ser responsável pelo meio em que vive	5
Despertar a conscientização do aluno quanto à preservação da natureza	20
Responderam de forma inadequada, desviando da questão proposta	60
Omitiram de responder à questão proposta	10
Existe influência do contexto familiar no desenvolvimento humano?	
Exerce influência no desenvolvimento físico, social e emocional	10
É influenciado pelos valores que os pais julgam ser importantes	15
É a base na formação do ser humano, pois é o princípio de tudo	75
Como acontecem as relações do professor com o aluno e vive versa?	
Muito distantes e sem afetividade	5
Conturbada, pois não há respeito aos professores	5
Troca de experiências, respeito e diálogo	90

Número de questionários: 30

A resposta da maioria dos educadores aproxima-se da reflexão teórica apresentada neste texto, pois considera o ser humano racional, em relação e em busca de aperfeiçoamento. Apenas pequena parcela de professores não teve clareza sobre a conceituação de ser humano.

Em relação ao termo ecologia humana, constata-se que 25% manifestam ter uma noção de ecologia humana, sem alcançar a compreensão de que o ser humano é parte integrante da natureza e deve conviver em harmonia para garantir sua sobrevivência. A maior parte dos entrevistados entende ecologia humana como preservação da natureza e outros ainda, desconhecem o termo.

Ao analisar o papel do educador na formação de um pensar ecológico, percebe-se que 70% dos entrevistados não tiveram clareza, embasamento teórico suficiente e posicionamento pessoal sobre a sua contribuição na construção de um pensar ecológico. Diante desta constatação, propõe-se um sério investimento na informação e na reflexão em cursos de formação de professores para um pensar ecológico que envolva o conhecimento mais profundo da realidade social, cultural, econômica e do sentido da vida humana a fim de que a formação docente seja integral e contribua para a preservação da vida. Os demais educadores pensam contribuir, de forma consciente e responsável, mediante sua atuação profissional. É preciso educar para a ecologia humana, tendo como alicerce a fraternidade universal, que implica numa revisão de conceitos e de valores; no encontro consigo mesmo; na melhor interação com o outro e com o meio. O pensar ecológico está, pois conectado a valores pessoais, sociais, políticos, religiosos, culturais, dentre outros.

Quanto à influência do contexto familiar no desenvolvimento do ser humano, percebe-se que todos os educadores têm consciência de que a família influi, significativamente, na construção, formação e desenvolvimento do ser humano, sem contudo relacionar ecologia a cuidado, afeto e relação maternal/paternal. É o item que apresenta maior convergência de opiniões.

E, na questão que se refere à relação professor e aluno e vice-versa, percebe-se que alguns educadores possuem dificuldade na atuação pedagógica devido à falta de respeito e valorização adequada por parte dos alunos, enquanto outros têm uma interação significativa e reciprocidade nas relações. Note-se que se propõe o diálogo como condição fundamental para a aprendizagem e a ação educativa. O ambiente hostil e agressivo dificulta as relações, a comunicação e impede qualquer processo dialógico.

Portanto, educar para a ecologia humana supõe o cuidado biológico, psicossocial e o cultivo dos valores humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para a ecologia humana precisa ser mais esclarecida, pois muitos educadores desconhecem o significado do tema ecologia, e assim, deixam de contribuir na conscientização e formação de um pensar ecológico em vista da dignidade humana. A construção de novas formas de ensinar e aprender dialogicamente exige dos professores a atitude permanente de aprender e de inovar a prática pedagógica.

É na interação do *habitat* humano que se encontram novos desafios para a vibrante experiência da aprendizagem com o outro e com o meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOFF, Leonardo. 1999. **Ética da Vida**. Brasília: Letra Viva.
- _____. 2000. **Saber Cuidar, ética do humano – compaixão pela terra**. 5. ed. Petrópolis: Vozes.
- CAPRA, Fritjof. 1982. **O Ponto de Mutação**. 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- _____. 1996. **A teia da vida**. 9. Ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- FREIRE, Paulo. 1974. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. 1985. **O que é Ecologia**. São Paulo: Abril Cultural e Brasiliense.
- LAGO, Paulo Fernando. 1991. **A consciência ecológica, a luta pelo futuro**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC.
- LAROCA, Sebastião. 1995. **Ecologia, princípios e métodos**. Petrópolis: Vozes.
- MINC, Carlos. 2000. **Ecologia e Cidadania**. São Paulo: Editora Moderna.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. 1986. **Ensino: as abordagens do processo**. 6. ed. São Paulo: EPU.
- RUPOLO, Irani. 1998. **Uma Proposta Educativa na Cosmovisão Franciscana para o Mundo Atual**. Santa Maria: Fafra.